

## Traduções medievais do *Meditationes* do Pseudo-Bernardo: as tradições portuguesa e espanhola<sup>1</sup>

Raul Antero Macedo da Fonseca<sup>2</sup>

**Resumo.** Este trabalho tem por objetivo estudar a relação existente entre alguns dos testemunhos ibero-romances com traduções medievais do pequeno tratado intitulado *Meditationes piissimae de cognitione humanae conditionis*, tradicionalmente atribuído –ao que parece, indevidamente– a São Bernardo de Claraval. Pretende-se mostrar, através do estudo dos erros significativos presentes nesses textos, que os dois testemunhos portugueses subsistentes são independentes entre si, mas dependentes de um terceiro, também português, hoje perdido ou desconhecido. Analisam-se igualmente os testemunhos espanhóis dessa mesma obra e põe-se em evidência a afinidade existente entre parte dos testemunhos dessas duas tradições. Por fim, procura-se demonstrar que a tradução medieval portuguesa não deriva diretamente do latim, mas de uma das traduções espanholas.

**Palavras-chave:** Literatura medieval, literatura devocional, Pseudo-Bernardo, traduções medievais portuguesas e espanholas, ibero-romance, crítica textual.

### [en] Medieval translations of Pseudo-Bernard's *Meditationes*: the Portuguese and Spanish traditions

**Abstract.** This work aims to study the relationship between some of the Ibero-Romance testimonies with medieval translations of the small treatise entitled *Meditationes piissimae de cognitione humanae conditionis*, traditionally attributed –it seems, improperly– to Saint Bernard of Clairvaux. It is intended to show, through the study of the significant errors present in these texts, that the two surviving Portuguese testimonies are independent of each other, but dependent on a third, also Portuguese, now lost or unknown. The Spanish testimonies of the same work are also analyzed and the existing affinity between part of the testimonies of these two traditions is highlighted. Finally, it seeks to demonstrate that the Portuguese medieval translation does not derive directly from Latin, but from one of the Spanish translations.

**Keywords:** Medieval literature, devotional literature, Pseudo-Bernard, Medieval Portuguese and Spanish translations, Ibero-Romance, Textual Criticism.

### [es] Traducciones medievales de lo *Meditaciones* de Pseudo-Bernardo: las tradiciones portuguesa y española

**Resumen.** Este trabajo pretende estudiar la relación de algunos de los testimonios iberorrománicos con las traducciones medievales del pequeño tratado titulado *Meditationes piissimae de cognitione humanae conditionis*, tradicionalmente atribuido –al parecer, erróneamente– a San Bernardo de Claraval. Se pretende mostrar, a través del estudio de los errores significativos presentes en estos textos, que los dos testimonios portugueses remanentes son independientes entre sí, pero dependientes de un tercero, también portugués, hoy perdido o desconocido. También se analizan los testimonios españoles de la misma obra y se destaca la afinidad entre parte de los testimonios de estas dos tradiciones. Finalmente, tratamos de demostrar que la traducción al portugués medieval no deriva directamente del latín, sino de una de las traducciones al español.

**Palabras clave:** Literatura medieval, literatura devocional, Pseudo-Bernardo, traducciones medievales portuguesas e españolas, iberorromance, crítica textual.

**Sumário:** 1. Introdução. 2. A tradição portuguesa. 3. A tradição espanhola. 4. Relação entre a tradição espanhola e a portuguesa. 5. Prioridade da tradição espanhola sobre a portuguesa. 6. Considerações finais. Bibliografia.

**Cómo citar:** Macedo da Fonseca, R. A. (2023). Traduções medievais do *Meditationes* do Pseudo-Bernardo: as tradições portuguesa e espanhola. *Revista de Filología Románica* 40, 35-48.

<sup>1</sup> Devo expressar aqui os meus agradecimentos aos avaliadores anónimos que leram o artigo, teceram comentários, todos pertinentes, e sugeriram alterações no sentido de aprimorar este trabalho. «tu nunca podrás abastar por ti» (*EV*, 88r, 26)

<sup>2</sup> Professor aposentado do Ensino Fundamental e Médio.  
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.  
[raulmafo@gmail.com](mailto:raulmafo@gmail.com)

## 1. Introdução

Poucas obras de caráter edificante escritas durante a Baixa Idade Média foram tão influentes, difundidas e traduzidas quanto o pequeno tratado conhecido hoje como *Meditationes piissimae de cognitione humanae conditionis*<sup>3</sup>. A tradição medieval, e mesmo a posterior, sempre o atribuiu a São Bernardo de Claraval, mas a autoria do *Meditationes* só começou a ser questionada quando da edição da obra completa de São Bernardo, levada a cabo por Jacob Horstius (1641), que a inclui no Tomo V, dedicado à *opera dubia, notha & supposititia*. Jean Mabillon, na sua edição da obra do abade cisterciense, também faz o mesmo, e na 2ª ed. (Mabillon 1690: col. 319-320) chama a atenção para o fato de que, «embora não fosse indigna» de São Bernardo, a diferença de estilo e certas posições doutrinárias do autor do *Meditationes* não eram coerentes com as encontradas em obras de reconhecida autoria do abade de Claraval. Além disso, acrescenta, encontravam-se no tratado trechos retirados de Ambrósio, Agostinho, Beda, Sêneca e Hugo de S. Víctor. O grande estudioso da obra bernardina, Leopoldo Janauschek (1891: p. VII, nº 47), também inclui esse escrito na *opera supposita* da sua *Bibliographia*. Desde então, a paternidade do *Meditationes* tem sido atribuída a inúmeros autores, assim como continuou a aumentar a relação das fontes utilizadas na redação dessa obra<sup>4</sup>.

Embora não sendo absolutamente original, o autor dessa compilação –ao que tudo indica, um monge cisterciense<sup>5</sup>– soube transformar os excertos retirados da Bíblia, dos autores citados por Mabillon, e de outros, incluindo o próprio Bernardo, em uma peça independente, acabada e, para os seus propósitos, convincente. Não muito depois da sua redação, provavelmente entre 1160 e 1190 (Giraud 2019: 69), Humberto de Romans, Mestre Geral da Ordem dos Pregadores de 1254 a 1263 já recomendava aos mestres dos noviços que os instruissem na leitura de obras de Hugo de S. Vítor, Santo Agostinho, Santo Anselmo e de São Bernardo, e dentre estas constava o *Meditationes* (Dietz 2018: 5-6).

O prestígio das *Meditationes* pseudo-bernardinas pode ser atestado não só pela quantidade de manuscritos subsistentes, perto de 700<sup>6</sup>, mas também pelo número de traduções realizadas ainda na Idade Média, destinadas àqueles que não dominavam o latim, ou o dominavam mal. Até onde nos foi possível averiguar, há traduções medievais do *Meditationes* em italiano, francês, inglês, alemão, holandês e islandês.

Em línguas ibero-românicas, conhecemos traduções medievais em catalão, espanhol e português. Este artigo será dedicado exclusivamente ao estudo das tradições portuguesa e espanhola. A relação destas com os testemunhos da tradição catalã será motivo de trabalho posterior. Das duas tradições que nos interessam no momento, são conhecidos os seguintes testemunhos, dos quais daremos a sigla com a qual serão designados, a cidade de procedência de cada códice, a instituição em que está depositado, a sua cota nessa instituição e a data atribuída. Além disso, para o leitor interessado em obter informação adicionais sobre cada um deles na base de dados *PHILOBIBLON*<sup>7</sup>, forneceremos os identificadores do manuscrito (*manid*) e o da obra (*texid*).

*ES*: Santander, Biblioteca de Menéndez y Pelayo, cód. M/172, ff. 132r-172r, séc. xv; *manid* 1199, *texid* 1234.

*EV*: Valladolid, Biblioteca Histórica de Santa Cruz (Universidade de Valladolid), cód. 383, ff. 78r-102r, séc. xvi; *manid* 2604, *texid* 1234.

*EE*: Madrid, Real Biblioteca do Monastério de San Lorenzo de El Escorial, cód. a.IV.9, ff. 121r-170r, séc. xv; *manid* 1379, *texid* 1355.

*EM*: Madrid, Biblioteca Nacional de Espanha, cód. MSS/8744, ff. 118r-126v, séc. xv (c.1460); *manid* 2554, *texid* 2778.

*EH*: Salamanca, Biblioteca Geral Histórica da Universidade de Salamanca, cód. 225, setor B, ff. 1r-14v (56r-69v), séc. xv-xvi; *manid* 4070, *texid* 1355.

Os três primeiros apresentam versões integrais da obra; os outros dois, versões parciais, sendo que *EM* integra um opúsculo intitulado *Dichos & contemplaçiones de sanct bernardo* (ff. 112r- 130r). Quanto a *EH*, a julgar pelos *incipit* e *explicit*, trata-se realmente de tradução do *Meditationes*, embora a base de dados *PHILOBIBLON* o atribua a Bernardo Silvestre. Além desses, a Biblioteca Nacional de Espanha abriga um ms. datado dos séc. xv-xvi (MSS/4515, ff. 85v-101r) com cópia de uma coleção de sentenças intitulada *La Floresta de Filosofos de varios dichos y sentencias políticas y morales*, atribuída a Fernán Pérez de Guzmán (1376?-1458). Os ff. 85v-101r apresentam uma seção intitulada: *Aqui comiençan algunos dichos del libro de pensamientos que el bien aventurado San Bernaldo hizo*. A propósito de alguns desses «dichos», teceremos algumas considerações mais adiante.

Tradução do *Meditationes* também está atestada no português medieval em dois manuscritos oriundos da antiga Biblioteca do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça:

*P200*: Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, cód. alc. 200 [olim CCXCI], ff. 125r-148r, séc. xv; *manid* 1030, *texid* 1037.

*P211*: Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, cód. alc. 211 [olim CCXLIV], ff. 73r-90v; séc. xv; *manid* 1103, *texid* 1124.

<sup>3</sup> Para a influência direta do *Meditationes* durante a Idade Média, na França e, especialmente, na Inglaterra, o leitor interessado poderá consultar Field (2006: 1-42; 2007: 59-110) e Horn (2021). Também o pensamento do reformista checo Jan Hus foi influenciado diretamente pela obra pseudo-bernardina, que traduziu e utilizou longos trechos do *Meditationes* para compor o seu *Dcerka* (Fudge 2016: 5).

<sup>4</sup> Sobre a questão da autoria e das fontes utilizadas nesta obra pseudo-bernardina leia-se o importante artigo de Bultot (1964: 256-292).

<sup>5</sup> Migne (1862: col. 502): «Magnam porto coronam, e vestem rotundam; regulam servo jejuniorum; statutis psallo horis».

<sup>6</sup> Bourgain e Stutzmann (2019) oferecem uma relação das bibliotecas que abrigam cópias integrais ou parciais do *Meditationes*.

<sup>7</sup> *PHILOBIBLON* = Charles B. Faulhaber (dir.) (1997-). Berkeley: Bancroft Library / University of California <<http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/index.html>>.

Há grande variabilidade nos títulos dados à obra: *Libro que fizo Sant Bernaldo de los pensamientos quel omne deve aver consigo mesmo pera se conoscer e pera venir en conocimiento de Dios* (*ES*, e *EV*, apenas com variações gráficas); *Meditaciones de Sant Bernardo* (*EE*); *Contenplaçiones* (*EM*). Como veremos adiante, o fato da rubrica de *P200* apresentar: *Este livro fez San Bernardo dos pensamentos que homẽ deve daver cõsigo meesmo pera se conhecer, e outrosy viir ẽ conhecimento de Deus*, praticamente o mesmo de *ES* e *EV*, não deve ser fruto do acaso. Em *P211* aparece intitulado como *Tractado das meditações e pensamentos de Sã Bernardo* etc.

Para a realização deste estudo não nos foi possível consultar todos os testemunhos acima relacionados. Não consultamos o espanhol de Salamanca (*EH*), exceto os seus respectivos *incipit* e *explicit* disponíveis em *PHILOBLON*. Do espanhol de Santander (*ES*), dispusemos apenas do conteúdo de três fôlios reproduzidos no *Catálogo* de Elisa Borsari (2010: 179-188). No entanto, o material disponível já nos permite tecer algumas considerações a propósito de cada uma dessas duas tradições isoladamente – a portuguesa e a espanhola –, e averiguar se os testemunhos dessas duas tradições mantêm entre si alguma relação genética, ou se são traduções independentes do texto latino. Não pretendemos proceder a uma análise exaustiva das divergências e convergências que se verificam entre esses testemunhos, limitando-nos a discutir, ou simplesmente apresentar, uns poucos exemplos que nos parecem suficientes e esclarecedores para o nosso propósito. Como base para comparação, utilizaremos o texto latino da *Patrologia Latina* (*PL*) (Migne 1862: Tomo 184, col. 485-508), citando o parágrafo e a coluna.

## 2. A tradição portuguesa

A primeira tarefa que se nos apresenta é constatar se os textos apresentados por *P200* e *P211* mantêm realmente alguma relação com o *Meditationes*. A segunda, averiguar se são traduções independentes uma da outra, diferenciadas apenas pelo título, ou são apenas dois testemunhos de uma mesma tradução<sup>8</sup>. Comparemos o texto da *PL* com o dos dois testemunhos portugueses:

(1) Multi multa sciunt, et se ipsos nesciunt. Alios inspicunt, et se ipsos deserunt. Deum quaerunt per ista exteriora, deserentes sua interiora, quibus interior est Deus. Idcirco ab exterioribus redeam ad interiora, et ab inferioribus ad superiora ascendam (*PL*, 1, 485)<sup>9</sup>.

<i>P200</i>	<i>P211</i>
125r, 5	73r, 4
«Muitos homẽs som em este mũdo que sabẽ muitas sabedorias e conheçẽ muitas cousas, e nõ sabẽ nõ conheçẽ a sy meesmos. E catam e <b>aolham</b> as fazendas <b>dos outros</b> e leixam as suas perecer, e buscam a <b>Deus</b> nas cousas que parecem de fora, desenparando as cousas de dentro, que som <b>as</b> suas almas meesmas, <b>em as</b> quaees cousas esta Deus. <b>Porem</b> , eu das cousas de fora tornarey aas de dentro que som <b>em a</b> minha alma, e das cousas que som <b>de</b> dentro em mỹ, subirey aas de suso, que som em Deus».	«Muitos homẽes son en este mundo que sabem muitas sabedorias e conhocen muitas cousas, e nõ saben nõ conheçẽ si meesmos. Catã e <b>miram</b> as fazendas <b>alheas</b> e leixã as suas perecer, e buscam as cousas que parecen de fora, desenparando as cousas de dentro, que son <b>nas</b> suas almas meesmas, <b>nas</b> quaes sta Deus. <b>Porende</b> , eu das cousas de fora tornarey aas de dentro que son <b>na</b> minha alma, e das cousas que son dentro en mĩ, subirey aas de suso, que son em Deus».

Sem serem traduções literais, não é difícil reconhecer que os textos são realmente traduções do texto latino. Quanto à afinidade existente entre eles, basta observar as divergências destacadas. As discrepâncias são mínimas. Desconsiderando as variantes meramente gráficas, há uma correspondência quase perfeita entre o texto de *P200* e o de *P211*. Ocorrem, sim, algumas pequenas variações no vocabulário, substituição de uma ou outra expressão por expressão sinónima ou quase sinónima, presença de algumas formas contraídas contra formas desenvolvidas; no mais, os textos são idênticos, e assim se mantêm durante toda a extensão do tratado, como poderemos verificar nos demais excertos reproduzidos ao longo do artigo. Excetuando a alteração de algumas formas verbais, pequenas modificações nas construções sintáticas e na colocação de termos, omissões e adições de um ou de outro, pequenos erros de cópia, presença de formas mais arcaicas no lugar de formas mais inovadoras, fora isso, os dois textos portugueses permanecem solidários. Essas pequenas variações não impedem de caracterizá-los como sendo dois testemunhos de uma mesma tradução. É impensável que dois tradutores independentes pudessem fazer corresponder suas respectivas traduções praticamente palavra a palavra, frase a frase.

Para explicar essa quase identidade, podem ser formuladas inicialmente duas hipóteses: ou o texto apresentado por *P200* é cópia de *P211*, ou o apresentado por este é cópia daquele. Tais hipóteses devem ser afastadas em virtude do grande número de erros privativos de cada um desses testemunhos. O texto de *P211* apresenta erros nos mesmos lugares em que *P200* traz cópia genuína, portanto este não pode descender diretamente daquele; por outro lado, em *P200* ocorrem erros onde *P211* se aproxima mais do texto original e, portanto, *P211* não pode descender diretamente de *P200*. Se um deles servisse de modelo para a cópia do outro, seria de esperar – como regra – que tal cópia re-

<sup>8</sup> Estas questões estendem-se, evidentemente, também para os testemunhos da tradição espanhola. Parece-nos não ser necessário colocá-las novamente porque a comparação dos excertos apresentados ao longo do artigo será suficiente para respondê-las.

<sup>9</sup> «Muitos sabem muitas coisas, e não conhecem a si mesmos. Olham para os outros e abandonam si mesmos. Querem a Deus nestas coisas exteriores, afastando-se das suas interiores, nas quais está Deus. Por isso, das coisas exteriores voltarei às interiores, e das inferiores ascenderei às superiores».

produzisse a lição errónea contida no modelo, o que não acontece, como veremos nestes poucos exemplos<sup>10</sup>. Iniciaremos com os erros separativos de *P211* contra *P200*, ou seja, erros privativos do copista de *P211* não verificados em *P200*.

(2) Tunc enim gloriosus erit, cum ad Deum suum redierit, ita tamen si de corpore nullum peccatum secum tulerit, et detererit omne sordidum (*PL*, 9, 491)<sup>11</sup>.

quando estiver cõ o seu criador ajuntado e alongado das coussas terrêaes, em tâll maneira que nõ tenha cõsigo nêhũa cousa do corpo, e vaa limpo e purguado de toda çugidade (*P200*, 130v, 21).

quando stara cõ o seu criador ajuntado e alongado das cousas terreaaes, em tal maneyra que nõ tenha consigo nêhũa cousa de pecunia, e vay limpo e seguro de toda sua vida (*P211*, 77v, 7).

A ausência do correspondente a «peccatum» deve ascender já à fonte latina utilizada na tradução ou traduções, com texto diferente do da *PL*, porque todos os testemunhos da tradição ibero-romance o omitem. Não consta de *EM*, de *EV* nem de *EE*. Nesse passo, ocorrem nos testemunhos catalães de Madrid e de Paris um inexplicável «misericórdia». Isto à parte, embora não seja uma tradução literal, o texto de *P200* se aproxima mais do sentido do texto latino, enquanto o copista de *P211* promove inúmeras substituições que não concordam com nenhum dos outros testemunhos: a substituição de «corpo» por «pecunia», «purgado» por «seguro» e «çugidade» por «sua vida».

(3) quia quidquid orantes petitis, credite quia accipietis, et fiet vobis (*PL*, 18, 496)<sup>12</sup>.

todo o que demãdades ã oraçom, creede que o alcançaredes, e vos sera comprido (*P200*, 136v, 19).

todo o que demandades en oraçon **[omissão]** que o acabaredes, e vos sera comprido (*P211*, 82r, 7).

Neste excerto, o copista de *P211* omite o correspondente ao «credite» do texto latino, corretamente reproduzido em *P200* por «creede». Além disso, ocorre a substituição espúria de «alcançaredes» por «acabaredes».

(4) Hinc est quod baculo nostro nos caedit (*PL*, 35, 505)<sup>13</sup>.

Este he o que nos espãaca cõ o nosso meesmo paao (*P200*, 45r, 11).

Esta he a que nos espanca cõ o nosso meesmo braço (*P211*, 88v, 13).

Aqui, em *P211*, os pronomes demonstrativos «esta» e «a» substituem os corretos «este» e «o» do texto de *P200*, já que o referente de tais pronomes é «diabo». Provavelmente, a concordância inadequada deve ser devida a um passo anterior do texto em que se identifica o diabo à «tortuosus ille serpens» ('aquela serpente tortuosa'), que o copista de *P211* reproduz como «aquela serpe antiga» e o copista de *P200*, com acréscimo, «aquella serpente antiga que enganou os primeiros padres». Além disso, o copista de *P211* parece não ter entendido aquilo que trazia seu modelo. Para o latino «baculo» 'bastão', o copista de *P200* utiliza a forma popular «paao». Na cópia de *P211*, a palavra aparece abreviada: «b̃ço». A julgar pelo sistema de abreviaturas utilizado pelo copista, isso poderia ser desenvolvido como «braço» ou «berço». Optamos, evidentemente, pela primeira delas, e se isto estiver correto, o copista de *P211* deveria ser advertido de que dificilmente alguém poderia ser espancado com o seu próprio braço.

(5) Sic tamen morientur, ut semper vivant; et sic vivent, ut semper moriantur (*PL*, 10, 492)<sup>14</sup>.

Empero asy morerom, que pera senpre viviram; e asy viverõ, que pera senpre morrerom (*P200*, 131v, 31).

Pero assi viveram, **[omissão]** que sempre morrerã (*P211*, 78r, 25).

Neste excerto, a tradução de *P200* é quase literal. Por outro lado, o copista de *P211* omite parte do texto, devido ao homeoteleuto. Provavelmente o copista, ao ler o seu modelo, talvez por desatenção, julgou tratar-se de um erro por repetição (ditografia) e suprimiu parte do enunciado.

Os poucos exemplos apresentados acima bastam para demonstrar que o texto de *P200* não pode ter sido copiado diretamente do texto de *P211* pois, se o fosse, não teria condições de acrescentar o que ali estava omitido, nem corrigir os erros presentes no seu modelo de modo a torná-lo mais fiel ao texto latino. Pode-se argumentar que seria possível o copista de *P200* copiar de *P211*, corrigindo as falhas apresentadas no texto deste último, recorrendo diretamente ao próprio texto latino, ou a uma outra tradução isenta desses erros. Se isso tivesse ocorrido, por que então o amanuense de *P200* não corrigiu os seus próprios erros?

Por outro lado, ocorrem no texto de *P200* erros nos mesmos lugares em que *P211* traz lição mais próxima do texto latino, o que afasta a hipótese deste ter sido cópia direta daquele. Vejamos também uns poucos exemplos disso sem comentá-los, apenas anotando o erro.

<sup>10</sup> A grafia dos testemunhos portugueses e espanhóis foi ligeiramente simplificada, e modernizou-se a pontuação. Indica-se o fôlio e o número da primeira linha da transcrição.

<sup>11</sup> «Pois então ele será mais glorioso quando retornar ao seu Deus, contanto que não leve consigo nenhum pecado do corpo, e se tenha limpo de toda imundície».

<sup>12</sup> «qualquer coisa que pedirdes orando, crede que a recebereis, e vos será feita».

<sup>13</sup> «este é o que nos espanca com o nosso próprio bastão».

<sup>14</sup> «assim (os condenados ao fogo do Inferno) morrerão, de tal modo a viver para sempre (em tormento); e assim viverão, de tal modo a sempre morrer».

(6) Secundum exteriorem hominem de parentibus illis venio, qui me ante fecerunt damnatum, quam natum (*PL*, 4, 487)<sup>15</sup>. Segundo o homê de fora, venho daqueles parentes que me fegerõ ante dãpnado que naçido (*P211*, 74v, 20). Segũdo o homê de fora, venho daquelles parêtes que me fezerõ [omissão] ante que naçesse (*P200*, 127r, 25).

(7) et vilissimo panno involutus, menstruali sanguine in utero materno fuisti nutritus, et tunica tua fuit pellis secundina (*PL*, 8, 490)<sup>16</sup>. a ssaya primeyra cõ que nacisti foy hũu manto que trouxeste do ventre de tua madre, a que chamã pellis secundina (*P211*, 76v, 23). a tua saia primeira cõ que tu naçisti foy manto que trouxeste do vêtre de tua madre, o quall he hũa pelle sem laa [substituição] (*P200*, 129v, 30).

(8) Adjuva me, Domine Deus meus, quoniam inimici mei animam meam circumdederunt (*PL*, 33, 503)<sup>17</sup>. Ajudame, meu Senhor Deus, ca os meus ãmiigos cercarõ a minha alma (*P211*, 87r, 9). Ay, Deus meu Senhor, ajudame, ca os juizes [substituição] çercarõ a minha alma (*P200*, 143r, 7).

Como se vê, o copista de *P211* não poderia ter copiado o texto de *P200*, substituindo lições espúrias por lições adequadas ao texto latino. Os comentários acima tecidos a propósito da impossibilidade de *P200* ter copiado *P211* valem, *mutatis mutandis*, também para este caso. Se temos dois testemunhos que mantêm entre si correspondência quase perfeita –portanto não se trata de traduções independentes–, e um não pôde ter servido de modelo para o outro, ou seja, não há relação de filiação direta entre eles, ambos só podem ter derivado de um terceiro, redigido também em português, que denominaremos  $\pi$ . A existência deste arquétipo português  $\pi$ , hoje perdido ou desconhecido, é reforçada pela ocorrência, nos mesmos lugares, de erros comuns a *P200* e a *P211*. Tais erros conjuntivos já deveriam constar de  $\pi$  e foram fielmente reproduzidos pelos copistas dos dois testemunhos subsistentes. Vejamos também alguns poucos erros comuns aos dois testemunhos.

(9) Magna quoque insania, et graviter vindicanda, cum vilissimus pulvis loquentem ad se audire dedignatur Creatorem universitatis (*PL*, 22, 498)<sup>18</sup>. Grande sandiçe he, e digna de grã pendença, quando o poboo mui vil deseja de ouvir o criador de totalas cousas, e fallar cõ ell (*P200*, 138r, 30). Gran sandiçe, e digna de grave penitencia he, quando o poboo muy vil despreça ouvir o criador de toda a universidade, que fala cõ el (*P211*, 83r, 22).

Neste passo, além do erro separativo do copista *P200* que, ou omitiu um «não» antes de «deseja», ou utilizou um verbo inadequado, temos o erro conjuntivo dos dois testemunhos portugueses ao traduzir o «pulvis» ‘pó’ por «poboo» ‘povo’. Mais adiante, voltaremos à provável origem deste erro. No excerto seguinte também ocorre, nos dois testemunhos portugueses a substituição de «tinea» ‘traças, vermes, lagartas’ por ‘cinza’.

(10) Si curiosas vestes requiris, pro ornatu vestium subter te sternetur tinea (*PL*, 10, 491)<sup>19</sup>. se desejas vestiduras prezadas, fazerteam estrado de çiinza (*P200*, 131r, 22). Se desejas vestiduras preçosas, farãte hũu strado de ciinsa (*P211*, 78r, 1).

Poderíamos aduzir outros exemplos, mas acreditamos que estes poucos já são suficientes para demonstrar a interdependência de *P200* e *P211*, um em relação ao outro, e a dependência de ambos em relação a um terceiro, ou seja, *P200* e *P211* não são cópia um do outro, mas descendem ambos de um apógrafo perdido  $\pi$ .

### 3. A tradição espanhola

Como vimos, a tradição espanhola com traduções do *Meditationes* é mais rica do que a portuguesa, porque além de apresentar três testemunhos integrais da obra (*ES*, *EV* e *EE*) nos fornece ainda dois testemunhos parciais (*EM* e *EH*). É necessário repetir que não nos foi possível consultar o testemunho integral de *ES* nem o fragmentário de *EH*. No entanto, a comparação do texto apresentado pelos demais parece indicar que a tradição espanhola é formada por duas famílias distintas de testemunhos. Uma delas é composta por *ES*, *EV* e *EM*, que apresentam uma identidade linguística quase perfeita. Também alguns dos «dichos» compilados por Pérez de Guzmán e inseridos na *Floresta de Filosofos* (*FPh*) estão relacionados, sem dúvida, com esta família, como se pode observar nos dois exemplos seguintes, dos muitos que poderíamos citar.

(11) Nuestro apostamiento, e los loores de los que nos lisongean, e el fervor de la mançebia, e las rriquezas que avemos, estas quatro cosas nos fazen olvidar quien somos (*FPh*, cap. VIII, f. 86v).

<sup>15</sup> «De acordo com o homem exterior, venho daqueles pais que me condenaram antes de eu nascer».

<sup>16</sup> «e involto em pano vilíssimo, foste nutrido no útero materno de um sangue menstrual, e a tua vestimenta foi (uma chamada) pele secundina (a placenta)».

<sup>17</sup> «Ajuda-me, meu Senhor Deus, porque os meus inimigos cercaram minha alma».

<sup>18</sup> «Também é uma grande loucura, que deve ser castigada severamente, quando o pó vilíssimo despreza ouvir o Criador do universo, que lhe fala».

<sup>19</sup> «se desejas vestes cuidadas, para o teu adorno, debaixo de ti, serão espalhados vermes».

la tu apostura, e los loores de los que te lisonjan, e el fervor de la tu mancebia, e las rriquezas que as, estas quatro cosas te fazen que olvides a ti mesmo (EV, 83v, 18).

la tu apostura, e los loores de los que te lisonjan, e el fervor de la tu mançebia, e las riquezas que as, estas quatro cosas fazen que olvides a ti mismo (EM, 118v, 2).

(12) Quando entrases em la yglesia para orar o para rezar, dexa fuera todos los pensamientos malos (FPh, cap. XVII, f. 87v)  
Quando entrases en la iglesia para orar, o para rrezar, dexa de fuera todos los pensamientos vanos (EV, 89v, 13).

Note-se que os textos apresentados acima correspondem-se quase que perfeitamente, excetuando algumas pequenas substituições. No entanto, dois pontos críticos chamam imediatamente a atenção: primeiro, o acréscimo em (11) da expressão sintetizadora «estas quatro cosas», ausente no texto latino, em EE e também nos testemunhos da tradição catalã; segundo, o emprego em (12) de um mesmo par de sinónimos «orar / rezar» para traduzir os dois verbos distintos do texto latino («orandum» / «psallendum»)²⁰. Trata-se, evidentemente de erros conjuntivos, um por adição e o outro por substituição, que muito dificilmente teriam sido cometidos por dois tradutores diferentes. Isso parece demonstrar que algumas das sentenças reproduzidas na FPh e os textos apresentados em EV, EM e ES descendem todos de uma fonte comum.

A outra família espanhola é formada pelo testemunho de EE (e provavelmente EH, a julgar pelos *incipit* e *explicit* consultados). A tradução apresentada por EE difere das demais por ser exageradamente servil ao texto latino, tanto no aspeto vocabular quanto no sintático, especialmente neste último, o que às vezes torna o texto de EE quase ininteligível. Vamos nos ater a apenas alguns exemplos, em que se apresenta o texto latino da PL, seguido, para comparação, daquele apresentado por EV e da tradução de EE:

(13) sed multis cogitationibus occupatus, sibimetipsi aliquo modo manet incognitus, ut omnino quod tolerat nesciat (PL, 6, 489)²¹.

ca el trae consigo seu enbargo que son los pensamientos malos e por que pasa su tiempo e su vida sin conoscerse e non entiendo la carga que trae consigo (EV, 82v, 25).

Mas por muchos pensamientos ocupado a sy mesmo en alguna manera queda non conhecido de manera que de todo en todo non sabe que lleva o sufra (EE, 129v, 9).

(14) Et quia a Deo peccando recessi, nisi per veram confessionem ad illum redire non possum (PL, 25, 500)²².

e por que pecando me parti de Dios, non podria tornar a el si non por verdadera confesion (EV, 94r, 11).

E por que pecando de Dios me aparte, salvo por verdadera confision a el tornar non puedo (EE, 154r, 8).

(15) Ibi recordatione tecum esse praesens desidero, ubi pro te et tuis familiaribus devotas preces coram Deo fundis (PL, 15, 494)²³.

e naquel lugar desseo que te miembros de mi, e me tengas presente quando enbias a Dios pregarias debotas por ty (EV, 89r, 24).  
alli por memoria contigo presente ser deseo, a do por ti e tus familiares devotas plegarias a Dios fazes (EE, 143r, 5).

Como se pode observar, o tradutor espanhol de EE verteu o texto latino de uma forma quase mecânica, traduzindo frequentemente *palavra-por-palavra*: fez corresponder a cada forma latina, a forma mais próxima em sentido que ele encontrou na sua própria língua, mas com a manutenção da mesma, ou muito próxima, ordem sintática. Isso resultou numa espécie de «língua híbrida», em que o vocabulário espanhol se aliou à sintaxe latina para produzir um texto não raramente obscuro e que, para ganhar sentido, muitas vezes precisa ser retraduzido pelo leitor. O texto de EV (e o dos demais pertencentes à mesma família), embora não apresente a fidelidade ao original verificada no de EE, é mais livre e mais conforme o génio da língua.

Voltemos à família de EM, ES e EV. Como não pudemos dispor do testemunho integral de ES, a afinidade deste grupo terá que ser demonstrada de modo indireto, primeiramente pela comparação de EV com EM e a seguir pela comparação de EV com os trechos disponíveis de ES.

(16) Sic indutus et ornatus progressus es ad nos. Nec memor es quam sit vilis origo tui. Forma, favor populi, fervor juvenilis, opesque subripuere tibi noscere quid siti homo (PL, 8, 490)²⁴.

E asi vestido e onrado veniste a nos, e non puedes membrarte quan vil fue la tu nascença. Mas yo te dire porque non. La tu apostura, e los loores de los que te lisonjan, e el fervor de la tu mancebia, e las riquezas que as, estas quatro cosas te fazen que olvides a ti mesmo, e non te conoscas, nin te veas que eres omne (EV, 83v, 16).

E asi vestido e onrado veniste a nos, e non te puedes menbrar de quan vil fue la tu nascença. Mas yo te dire porque non te mienbras de la tu mesquindat. La tu apostura, e los loores de los que te lisonjan, e el fervor de la tu mançebia, e las riquezas que as, estas quatro cosas fazen que olvides a ti mismo, e non te conoscas, nin te sepas, nin veas que eres omne (EM, 118r, 14).

²⁰ Em EE: «orar» / «cantar»; nos catalães de Madrid e Paris: «orar» / «cantar»; no catalão de Barcelona: «fer oração» / «cantar».

²¹ «mas estando ocupado com muitos pensamentos, de certa forma ignora a si mesmo, e não sabe absolutamente o que suporta».

²² «E porque pecando me afastei de Deus, não posso tornar a ele a não ser por verdadeira confissão».

²³ «Desejo estar presente contigo em tua memória, ali onde derramas diante de Deus tuas devotas orações, por ti e por teus familiares».

²⁴ «Assim vestido e ornado vieste até nós. Não te lembras de quão vil foi a tua origem. A aparência, o aplauso do povo, o fervor juvenil, a riqueza, tudo isso roubou-te o conhecimento de que és homem».

Inicialmente é de notar que os dois testemunhos se correspondem quase que perfeitamente, o que afasta a hipótese de serem traduções independentes, e isso vale também para a comparação que faremos logo adiante entre *EV* e *ES*. Ambos substituem «ornatus» ‘ornado, enfeitado’ pelos correspondentes a «honrado». Embora em latim «ornatus» também possa assumir esse sentido, aqui vem utilizado no sentido de ‘ornado, enfeitado’, como o demonstra o contexto. Também é assim empregado, por exemplo, em *EE* («conpuesto o afeitado») e nos ms. catalães de Madrid e de Paris («hornat»). «Origo» ‘origem, nascimento’ aparece traduzido como «nascença». Logo depois, há um acréscimo que aparece mais desenvolvido em *EM* do que em *EV*: «Mas yo te dire porque non te mienbras de la tu mesquindat»<sup>25</sup>. A tradução de «forma» por «apostura», «favor» por «loores», o genitivo «populi» substituído pela expressão «de los que te lisonjan», o genitivo «juvenilis» por «de la tua mancebia». Logo depois de «riquezas» ocorre a adição de «que as» e da expressão sintetizadora «estas quatro cosas», ausentes do texto latino. O verbo «subripere» ‘roubar, furtar’ foi substituído por «olvidar» e o verbo «noscere» reforçado com as expressões «nin te veas» (*EV*) e «nin te sepas, nin veas» (*EM*). Evidentemente, estas inovações encontradas nos dois testemunhos não podem ser atribuídas ao acaso, assim como também não podem ser coincidência estes erros conjuntivos de *EV* e *ES*:

(17) Heri eras in tenebris, hodie in splendore lucis: heri in ore leonis, hodie em manu mediatori: heri in porta inferni, hodie in deliciis paradisi [...] et post tenebras hujus vitae videas ortum surgentis aurorae (*PL*, 40, 507)<sup>26</sup>.

[**omissão**] E era ayer el omne en las tiniebras del infierno e oy en los deleites del parayso [...] e asy faziendo despues de las tiniebras desta vida veremos el nascimiento del alma que se levanta em la mañana (*EV*, 101v, 20).

[**omissão**] Era ayer el omne en las teniebras del infierno, oy es en los deleyctes del parayso [...] E asi faziendo en pos las teniebras desta vida veremos los nascimientos del alma que se levantan en la mañana (*ES*, 171v, 2).

Neste excerto os dois testemunhos espanhóis<sup>27</sup> omitem o correspondente a «Heri eras in tenebris, hodie in splendore lucis: heri in ore leonis, hodie em manu mediatori». A expressão latina «porta inferni» aparece substituída por «teniebras del infierno». Ocorre ainda a adição de «asi faziendo», enquanto «aurora» foi substituída por «alma»<sup>28</sup>.

Os excertos acima parecem não deixar dúvida a respeito da afinidade desses três testemunhos espanhóis. O parentesco pode ser atestado não só pela semelhança do vocabulário empregado, mas também pelas mesmas adições, substituições e omissões, que podem ser considerados erros conjuntivos. Destes, e de outros erros comuns aos três testemunhos espanhóis, infere-se a existência de um arquétipo espanhol que já continha tais erros, perpetuados depois pelos copistas de *EV*, *ES* e *EM*. O estema completo da tradição espanhola do *Meditationes* não pode ser aqui apresentado em virtude da impossibilidade de consulta a todos os testemunhos. No entanto, é possível adiantar algumas conclusões permitidas pelo material disponível.

A cópia de *EV* não pode ter derivado diretamente de *EM* como provam os erros separativos de *EM* contra *EV*. Ocorrem em *EM* várias omissões e inovações que não se verificam em *EV*. Se o copista de *EV* tivesse se servido de *EM* como modelo, não teria condições, por exemplo, de corrigir os erros e de preencher as lacunas deixadas pelo copista de *EM*. Vamos nos ater a apenas dois dos muitos:

(18) Quare animam tuam vilipendis, et ei carnem praeponis? Dominam ancillari, et ancillam dominari, magna abusio est. Totus quidem iste mundus... (*PL*, 8, 490)<sup>29</sup>.

e por que desprecias la tu alma e tienesla en poco, e precias la carne e tienes que es para mucho? Ca quando la manceba es señora e la señora mançeba, mal ordenada anda la casa. Todo el mundo... (*EV*, 84r, 4).

Por que desprecias la tu anima e tienesla en poco, e preçias la carne e tienes que es para mucho? [**omissão**] Ca todo el mundo... (*EM*, 119r, 4).

(19) Homines fuerunt sicut tu: comederunt, biberunt, riserunt, duxerunt in bonis dies suos (*PL*, 9, 491)<sup>30</sup>.

Ca omnes fueron commo tu: comieron e bevieron e pasaron sus dias en plazeres (*EV*, 84v, 21).

Ca omnes fueron commo tu [**omissão**] e vevieron sus dias en plazeres (*EM*, 120v, 6).

O testemunho de *EV* também não pôde derivar diretamente de *ES*, pois também ocorrem erros separativos de *ES* contra *EV*. Nos dois excertos seguintes ocorrem em *ES* erros por transposição e por adição:

<sup>25</sup> A lição de *EM* talvez seja a preferível, já que a de *EV* parece-nos estar truncada. No entanto, os dois testemunhos portugueses concordam ambos com *EV*, o que pressupõe que, em se tratando realmente de um caso de omissão, ela já deveria constar do suposto português  $\pi$ . Se isto estiver correto, teríamos que postular a existência de dois subarquétipos espanhóis: um que deu origem a *EV* e ao português  $\pi$ , do qual derivam *P200* e *P211*; outro do qual deriva *EM*. Logo adiante, *EM* traz «nin te sepas, nin veas», enquanto *EV* apresenta simplesmente «nin te veas». Os dois testemunhos portugueses também apresentam o par de verbos: «nê saibas, nê vejas» (*P200*) e «nê te sabes, nê vees» (*P211*). Isso indica que tal par de verbos já estava em  $\pi$  e no subarquétipo espanhol, tratando-se, portanto, de uma omissão de *EV*.

<sup>26</sup> «Ontem estavas nas trevas, hoje no esplendor da luz; ontem na boca do leão, hoje na mão do medianoiro; ontem nas portas do Inferno, hoje nos deleites do Paraíso [...] e após as trevas desta vida vejas o nascimento da aurora que se levanta».

<sup>27</sup> E também os portugueses, assim como as inovações seguintes.

<sup>28</sup> Sobre esta substituição trataremos oportunamente, quando estudarmos a relação destas tradições com a tradição catalã, já que o ms. catalão de Madrid traz «albe» e o de Paris «alba» ‘aurora’. A ocorrência de «alma» nos testemunhos portugueses e espanhóis parece não ter sido coincidência.

<sup>29</sup> «Porque menosprezas a tua alma e preferes a carne a ela? A senhora servir e a criada mandar, é um grande abuso. Todo este mundo...».

<sup>30</sup> «Foram homens como tu: comeram, beberam, riram, gastaram seus dias em prazeres».

(20) ut possim cognoscere unde venio, aut quo vado; quid sum, vel unde sum (*PL*, 1, 485)<sup>31</sup>.  
e por esta tal manera podre conoscer donde vengo, e do vo; e quien seya, e donde soy (*EV*, 78r, 20).  
E por esta tal manera podre conoscer donde vengo, o donde so **[transposição]**; o donde vo, o quien so (*ES*, 132r, 16).

(21) quatenus labor convertatur in requiem, luctus in gaudium (*PL*, 40, 508)<sup>32</sup>.  
por que el nuestro trabajo se torne en folgura, e el lloro en gozo para sienpre (*EV*, 102r, 1).  
por qu'el nuestro trabajo se mude en gloria **[adição]** e en folgura, e el lloro en alegria (*ES*, 171v, 15).

Se o copista de *EV* não se serviu nem de *EM* nem de *ES*, deve ter recorrido a um outro modelo, que tanto poderia ser uma cópia anterior, quanto o próprio arquétipo dessa família. Vamos denominá-lo *\*EVa*. A antiguidade de *\*EVa* está atestada pela sua linguagem arcaizante, mantida pelo copista de *EV*, que parece ter reproduzido com relativa fidelidade o texto mais antigo que lhe serviu de modelo: manutenção de *f* > *h*- («fijo», «fáblar», «fanbre»,...), participio em *-udo* («tenudo») etc. Ao tempo da publicação da *Gramática de la Lengua Castellana* (1492), de Antonio de Nebrija, tais formas já não eram empregadas. Nebrija (1980 [1492]: 124) só dá como formas participiais *-ido*, e sobre a *f*-, diz que «corrómpe-se em *h*, como nos otros la pronunciamos, dándole fuerça de letra, como de 'filius', *hijo*; de 'fames', *hambre*».

A cópia de *ES* não pode ter derivado diretamente de *EV* já que este é, paleograficamente, posterior àquele. No entanto, poderia ter derivado de *\*EVa*. Os erros separativos de *EV* contra *ES* nada provam definitivamente, pois pode-se argumentar que todos os erros presentes em *EV* tenham sido de exclusiva responsabilidade do seu copista. Embora não sendo impossível, parece pouco plausível que dentre os erros separativos encontrados no texto de *EV*, todos, absolutamente todos, sejam de responsabilidade do seu copista e nenhum, absolutamente nenhum, do copista de *\*EVa*. Pelo menos um deles já deveria constar do texto que serviu de base para a cópia de *EV*. Vejamos os erros separativos de *EV* (talvez também de *\*EVa*) que pudemos retirar do material disponível.

(22) ab exterioribus redeam ad interiora, e ab inferioribus ad superiora ascendam (*PL*, 1, 485)<sup>33</sup>.  
de las cosas de fuera tornare a las de dentro, que son en la mi alma, e de las cosas que son de dentro en mi, subire a las de suso, que son en Dios. E por esta tal manera... (*ES*, 132r, 13).  
de las cosas de fuera tornare a las cosas de dentro, que son en la mi alma, **[omissão]** e por esta tal manera... (*EV*, 78r, 18).

(23) ut diligas Deum, ut pugnes e vincas mundum (*PL*, 40, 508)<sup>34</sup>.  
en tal manera que conoscamos que cosa es Dios, e que lo amemos, e que lidiemos con el mundo, e que lo vençamos (*ES*, 171v, 11).  
en tal manera que conoscamos que cosa es Dios e **[omissão]** lidiemos con el mundo, e lo venzcamos (*EV*, 101v, 27).

(24) quatenus labor convertatur in requiem, luctus in gaudium, e post... (*PL*, 40, 508)<sup>35</sup>.  
por qu'el nuestro trabajo se mude en gloria e en folgura, e el nuestro lloro en alegria. E asi faziendo... (*ES*, 171v, 15).  
por que el nuestro trabajo se torne en folgura, e el lloro en gozo pera sienpre **[adição]**. E asy faziendo... (*EV*, 102r, 1).

(25) videas etiam meridianum Solem justitiae, in quo sponsum cum sponsa prospicies (*PL*, 40, 508)<sup>36</sup>.  
E despues veremos el sol de justiciã asi como en el medio dia, en el qual conosçeremos la esposa e el esposo (*ES*, 171v, 19).  
e despues es el sol de justiciã asy commo a medio dya, en el qual conosçera la nuestra alma **[adição]** que es esposa al su esposo (*EV*, 102r, 4).

A cópia de *EM* também não pode ter derivado de *EV*, já que é anterior a esta, mas poderia ter derivado de *\*EVa*. Isso parece pouco provável devido à quantidade elevada de erros separativos de *EV* contra *EM*. Também neste caso, é duvidoso que todos os desvios que apresentaremos a seguir sejam, sem exceção, privativos de *EV*, e que nenhum deles tivesse ocorrido em *\*EVa*. Os exemplos são muitos, mas vamos nos limitar apenas a alguns deles.

(26) Profecto fuit quando non eras: postea de vili materia factus (*PL*, 8, 489)<sup>37</sup>.  
Primeramente fueste lo que agora no eres, e despues formaronte de vil materia (*EM*, 118r, 6).  
primeramente **[omissão]** formaronte de vil materia (*EV*, 83v, 12).

(27) Quid superbis, pulvis e cinis, cujus conceptus culpa, nasci miseria, vivere poena (*PL*, 8, 490)<sup>38</sup>.  
Pues por que te ensobervesçes polvo e çeniza, ca el tu conçebimiento fue culpa, e el tu nascimiento mesquindat, e el tu bevir pena e trabajo (*EM*, 118v, 11).  
e por que te ensobervieçes **[omissão]**. El tu conçebimiento fue culpa **[omissão]** e el bevir pena e trabajo (*EV*, 83v, 23).

<sup>31</sup> «para que eu possa saber de onde venho, ou para onde vou; quem sou ou de onde sou».

<sup>32</sup> «de modo que o nosso trabalho seja convertido em descanso, e o choro em prazer».

<sup>33</sup> «Portanto, das coisas exteriores voltarei às interiores, e das inferiores ascenderei às superiores».

<sup>34</sup> «para que ames a Deus, para que lutes e venças o mundo».

<sup>35</sup> «até que o trabalho se converta em descanso, e o pranto em prazer, e depois...».

<sup>36</sup> «também vejas ao meio-dia o Sol da justiça, no qual contemplarás o esposo com a esposa...».

<sup>37</sup> «Na verdade, foste o que não eras; depois foste feito de vil matéria».

<sup>38</sup> «Porque ensobereces, pó e cinza, cuja concepção foi culpa, o nascimento miséria, o viver pena».



(28) tunc vero ipsam Trinitatem puro mentis intuitu videbimus (*PL*, 12, 493)<sup>39</sup>.  
 mas estonçe veremos la Trinidad, que es pura verdat (*EM*, 125v, 3).  
 mas estonçe veremos la caridat que es pura verdat (*EV*, 87r, 11).

Além destes ocorrem ainda as substituições dos legítimos «concordia dulcis» - «dulce concordia» (*EM*, 123v, 11) pelo espúrio «dulce misericordia» (*EV*, 86r, 21); «dulcedo» - «sabores» (*EM*, 123v, 8) por «flores» (*EV*, 86r, 9); «delectantur» - «delectan» (*EM*, 124r, 15) por «alegran» (*EV*, 86v, 8). Há também omissão em «pretioso sanguinis» - «sangre preciosa» (*EM*, 120r, 4), «sangre [omissão]» (*EV*, 84v, 4); a transposição em «unus affectus, amor aeternus» - «un talante e un amor perpetuo» (*EM*, 126r, 8) por «un amor e un talante perpetuo» (*EV*, 87r, 27).

Como não podemos cotejar o texto de *ES* com o de *EM*, a relação de afinidade entre eles não pôde ser demonstrada. No entanto, parece que já é possível adiantar alguma coisa a propósito da tradição espanhola com traduções do *Meditationes*. De um lado temos uma família, independente, composta pelo testemunho de *EE* (e provavelmente *EH*); de outro, temos a família composta pelos testemunhos de *EV*, *ES* e *EM*. Em relação a esta última, podemos afirmar que *EV* não deriva diretamente nem de *ES* nem de *EM* e portanto, deve ter existido um texto perdido ou desconhecido que deu origem à cópia de *EV*, o qual denominamos *\*EVa*. Os testemunhos *ES* e *EM* parece não terem derivado de *\*EVa*. Dentro da família é de supor, portanto, a existência de pelo menos dois ramos distintos, um que deu origem a *EV*, através de *\*EVa*; outro que deu origem a *EM* e *ES*.

#### 4. Relação entre a tradição espanhola e a portuguesa

Ao se compararem os textos apresentados, de um lado por *EM*, *ES* e *EV*, de outro, por *P200* e *P211*, é impossível não atentar para a correspondência textual quase perfeita existente entre todos eles. Excetuando a língua em que foram redigidos, as particularidades ortográficas de cada copista, umas poucas inovações privativas de um ou de outro, de resto, a semelhança entre eles é notória. É difícil aceitar que dois ou mais tradutores, falantes de duas línguas muito próximas, mas distintas, trabalhando certamente em locais e épocas diferentes, tenham traduzido uma mesma obra utilizando o mesmo repertório linguístico, o equivalente mais próximo de cada uma dessas línguas, coincidindo praticamente palavra a palavra. Mais ainda, que tenham cometido os mesmos erros exatamente nos mesmos lugares.

Tudo isso demonstra o inegável vínculo desses testemunhos e nos leva descartar desde já a hipótese de que eles tenham sido fruto de traduções independentes. Todos devem descender de um mesmo arquétipo, hoje perdido ou desconhecido, originalmente redigido ou em espanhol ou em português, que serviu de base para todas as cópias posteriores dessa tradição. Permitam-nos denominar tal tradição de *TEP: tradição espanhola e portuguesa*. Vamos aos fatos.

Comparem-se os textos portugueses com aqueles apresentados mais acima nos excertos (16) e (17), quando se comentou a ligação de *EV* com *EM* e a de *EV* com *ES*. Ocorrem as mesmíssimas inovações em relação ao texto latino, mesmas substituições, mesmas omissões, mesmos acréscimos.

(29) e asy vestido e onrrado veeste ao mûdo, e nõ te podes nêbrar de quã vill foy a tua naçença. Mas eu tho direy por que nõ. Da tua postumaria, e os louvores daquelles que te louvam, e o fervor da tua mãçebia, e as rrequizas que as, estas quatro coussas te fazê que olvides a ty meesmo, e que te nõ conheças, nê saibas, nê vejas que es homê. E que coussa he homê? Semête çuja e vil, saco de esterco, comer de vermês (*P200*, 130r, 2).

E asy vestido e honrrado veeste a nos, e nõ te nêbras quam vil cousa foy a tua nacença. Mais eu te direy por que nõ. A tua apostura, e os louvores daqueles que te louvaminhã, e o favor da tua mancebia, e as riquezas tuas, estas quatro cousas te fazem que ulvidas e esqueeças a ti meesmo, e nõ te conheces, nê te sabes, nê vees que es homê. E que cousa he homê? Homê nõ he outra cousa se no semente çuja e vil, saco de sterco, comer e manjar de vermêes (*P211*, 76v, 25).

(30) [omissão] Era oontê o homê nas treevas do inferno e oje he dos deleitos e prazeres do paraíso [...] E asy fazêdo êpos as treevas desta vida veeremos os naçimentos da alma que se levantarõ e a menhaa (*P200*, 147v, 17).

[omissão] Era oontem homê nas teebras do inferno. Oje he no splendor da luz do parayso [...] E asy fazendo depois das teebras desta vida veeremos os nacimentos da luz que se levanta pela manhã (*P211*, 89v, 19).

Vejamos ainda alguns erros comuns a todos os testemunhos da tradição. Ao se referir ao concebimento do ser humano, o texto latino utiliza a expressão «homo de humore liquido» (*PL*, 4, 487)<sup>40</sup>. Este passo não consta de *EM*, mas aparece completamente alterado nos testemunhos de *EV* e nos portugueses, em que se confundem os substantivos latinos «humor» ‘líquido, fluido’ com «humus» ‘terra’, e reproduzem «humor liquido» por «tierra regalada» (*EV*, 80v, 31), «terra regrada» (*P200*, 127v, 4) e «terra regalada» (*P211*, 74v, 27). Durante a execução da tradução ou de cópia posterior, seja por distração ou por outro motivo qualquer, o «humor» do original foi transformado em «humo» ‘terra’. O adjetivo «regalada» do texto espanhol não é um despropósito, já que é sinónimo de ‘derretida’, como se pode perceber neste exemplo de Alfonso de Palência: «Niuata. aqua ex niue liquefacta [...] se dize el agua regalada dela nieue» (Alfonso de Palência: f. CCCIIv). Tal adjetivo satisfaz, de certa forma, o sentido do adjetivo

<sup>39</sup> «então veremos a mesma Trindade com a vista pura do entendimento».

<sup>40</sup> «homem (concebido) de um humor líquido».

latino «líquido». O tradutor português não deve ter entendido o sentido de «regalada», e não sabemos exatamente como foi traduzida originalmente, mas o fato é que na cópia de *P200* aparece como «regrada» e na de *P211* como «regalada».

Em uma passagem posterior, ocorreu o inverso: a expressão «de humo» ‘de terra’ do texto latino foi interpretado pelo tradutor como «de humor» ‘de líquido’, lapso que se repete nos testemunhos portugueses e em *EV* (mas não em *EM*, provavelmente por omissão):

(31) quia homo es: homo de humo, limus de limo (*PL*, 10, 491)<sup>41</sup>.  
 ca omne eres de humor et de limo de tierra (*EV*, 85r, 6).  
 ca omne eres [omissão] de tierra commo ellos (*EM*, 120v, 11).  
 ca homẽ es de humor e do limo da terra (*P200*, 131r, 15).  
 ca homẽ es e de humor e do limo da terra (*P211*, 77v, 23).

(32) Ibi vacabimus, e videbimus quam dulcis est Dominus (*PL*, 12, 493)<sup>42</sup>.  
 E alli entenderemos, e gustaremos, e veremos commo es plazentero el Señor (*EM*, 125r, 8).  
 alli entenderemos, e gustaremos, e veremos commo es plazentero el Señor (*EV*, 87r, 1).  
 Ca ally emtẽderemos, e gostaremos, e veeremos como he prazẽteiro o Senhor (*P200*, 132v, 26).  
 Aly entenderemos, e gostaremos quam prazivil, quam doce, quam benigno he o Senhor (*P211*, 79r, 9).

A explicação para as substituições das formas «vacabimus» por «entenderemos» e de «videbimus» por «gustaremos» ou «gostaremos», verificadas nas tradições espanhola e portuguesa, parece estar na tradição catalã dos mss. de Barcelona, Madrid e Paris. Também nessa tradição deve estar o motivo para a substituição de «convivium» por «gobierno», «governho» e «governo» do excerto seguinte. Ao assunto, voltaremos em outra oportunidade.

(33) Angelorum e hominum erit gaudium unum, unum colloquium, unum convivium (*PL*, 12, 493)<sup>43</sup>.  
 ca el gozo sera uno e uno el govierno (*EV*, 87v, 4).  
 Ca el gozo sera uno e uno el govierno (*EM*, 126r, 16).  
 ca o prazer sera hũũ e hũũ o governho (*P200*, 133r, 26).  
 Ca o plazer sera hũũ. E o governo hũũ (*P211*, 79v, 3).

(34) Reus est mortis, crucifigatur. Noli ergo dissimulare, [...] sed festinanter, audacter, instanter crucifige hominem istum, sed cruce Christi (*PL*, 40, 507)<sup>44</sup>.  
 merescedor es de muerte. Enforquenlo, non le des ya pasada e non aluenges ya el su mal, nin le perdone, mas luego enforcało en la cruz de Ihesu Christo (*EV*, 101v, 4).  
 mereçedor he de morte. Enforcadeo, nõ lhe des ia pasada nõ alonges o teu mal, nõ lhe perdoes, mais logo sem todo medo, ãnforcao ã a cruz de Jhesu Christo (*P200*, 147v, 4).  
 merescedor he de morte. Enforquẽno, nõ des pasada nõ alonges o teu mal, nõ lhe perdoes, mais logo sen temor nõhũũ enforcao na cruz de Jhesu Cristo (*P211*, 89v, 8).

Curiosa, neste conjunto de textos, é a substituição do suplício da crucificação pelo do enforcamento, inovação que não se verifica nem em *EE*, nem nos testemunhos da tradição catalã. Não sei exatamente o motivo dessa substituição, se alguma espécie de interdito ao fato de que o condenado –«amator mundi, servus diaboli» ‘amador do mundo, servo do diabo’– não seria digno de sofrer o mesmo castigo imposto a Cristo, ou seria uma alusão a Judas Iscariotes. Também chama a atenção, no texto de *P211*, que reproduz parcialmente a lição do arquétipo, mas logo a seguir complementa com «o qual se de todo coração chamares, ouvira o teu crucifixo». Evidentemente um dos muitos casos de contaminação verificados no texto de *P211*.

Note-se ainda a semelhança das paráfrases construídas para reproduzir certas expressões prefixais negativas latinas para as quais ainda não havia correspondentes exatos nas línguas vernáculas peninsulares e as substituições de caráter apenas aproximativo:

(35) Ibi erit dolor intolerabilis, timor horribilis, fetor incomparabilis (*PL*, 10, 492)<sup>45</sup>.  
 E alli seran tantos e tales dolores, que non es quien los pueda dezir, e fedores sin comparacion, miedos aborresçibles (*EM*, 122v, 12).  
 alli seran tantos e tales tormentos e los dolores, que non ay cosa que los pueda sufrir, e fedores sin comparacion, e miedos e aborrescemientos (*EV*, 85v, 22).  
 aly seram tantos e taes doores, que nõ ha cousa que os podese sofrer, fedores sem comparaçõ e medos e avorriçimẽtos (*P200*, 131v, 27).  
 Ali seram doores que elles sofrerom muy mal, s[ilicet], fedores sen comparaçõ, medos e avorrecimentos (*P211*, 78r, 22).

<sup>41</sup> «pois és homem: homem de terra, limo de limo».

<sup>42</sup> «Ali descansaremos, e veremos quão doce é o Senhor».

<sup>43</sup> «O gozo dos anjos e dos homens será um, uma a conversação, um o banquete».

<sup>44</sup> «É réu de morte, seja crucificado. Não dissimules [...] mas depressa, ousada e instantaneamente, crucifica este homem, mas na cruz de Cristo».

<sup>45</sup> «Ali haverá dores intoleráveis, temores horríveis, fedores incomparáveis».

## 5. Prioridade da tradução espanhola sobre a portuguesa

Por tudo o que vimos anteriormente, parece não restar dúvida quanto aos laços de parentesco muito próximo que unem os testemunhos da tradição espanhola de *EM*, *ES* e *EV* e os dois componentes da tradição portuguesa. No que se segue, procura-se demonstrar que tal arquétipo foi originalmente redigido em espanhol, traduzido depois para o português, dando origem a  $\pi$  e posteriormente a *P200* e *P211*.

Se encontrarmos erros conjuntivos notórios nos testemunhos de uma das tradições contra a lição genuína apresentada pelos testemunhos da outra tradição, evidentemente os testemunhos desta última não podem descender dos da primeira. Dados três testemunhos que mantêm entre si relação de parentesco comprovada, se *A* e *B* apresentam um erro comum e *C* apresenta a lição genuína, este último não pode descender de nenhum dos outros dois nem do eventual modelo que lhes tenha servido de base para as suas respetivas cópias.

Vimos no excerto (9) que *P200* e *P211* utilizam a expressão «poboo mui vil» ‘povo muito vil’ para reproduzir a latina «vilissimus pulvis» ‘pó vilíssimo’, um erro conjuntivo evidente que já deveria constar de  $\pi$ . Ocorre que o testemunho de *EV* (e provavelmente o de *ES*) é bastante fiel ao original latino, traduzindo o «vilissimus pulvis» por «polvo muy bil» ‘pó muito vil’. Esse erro conjuntivo de *P200* e *P211* contra *EV* demonstra que o testemunho espanhol não poderia derivar do português, pois não poderia tê-lo corrigido de acordo a lição original. Se  $\pi$  fosse tradução direta do latim, é difícil acreditar que um pretense tradutor português confundisse «pulvis» ‘pó’ com «populus» ‘povo’. Parece mais provável que o tradutor português, ao se deparar com a expressão espanhola «polvo» que ele encontrava no seu modelo, por desatenção, ou mesmo tendo-a por erro, tomou-a pela palavra mais próxima que encontrou em sua língua nativa: «poboo».

(36) Si curiosas vestes requiris, pro ornatu vestium, subter te sternetur *tinea*, et operimentum tuum erunt vermes (*PL*, 10, 491)<sup>46</sup>. se deseas vestiduras prezadas, fazerteam estrado de *çiinza*, e por o afeitamêto das vestiduras averas cobertura de vermês (*P200*, 131r, 22).

Se deseas vestiduras preçosas, farâte hũũ strado de *ciinsa*, e pelo afeytamento das vestiduras averas vestiduras de bischos (*P211*, 78r, 1).

Os testemunhos portugueses transformaram «*tinea*» ‘traça, lagarta, piolho’ em «*çiinza*» (*P200*) e «*ciinsa*» (*P211*). Evidentemente, tal substituição deve ser encarada como um erro, comum aos dois, erro que também já deveria estar presente em  $\pi$ . Os testemunhos espanhóis não poderiam derivar da tradição portuguesa já que apresentam lição mais fiel ao texto latino, e no lugar dos correspondentes a «cinza» dos testemunhos portugueses, apresentam «tiña» ‘traça, lagarta’.

si deseas vestiduras preciosas, fazertehan estrado de *tiña*, e por el afeyte de las vestiduras avras vestiduras de gujanos (*EV*, 85r, 13 e *EM*, 121v, 1, apenas com divergências gráficas).

Daremos ainda um outro exemplo da improbabilidade ou impossibilidade da tradição espanhola derivar da portuguesa. O emissor do texto latino questiona o seu eventual destinatário: «Quam ergo *commutationem* dabis pro anima tua?» (*PL*, 8, 490)<sup>47</sup>. Teriam os testemunhos espanhóis condições de substituir «requiza» (*P200*, 130r, 28) ou «valor» (*P211*, 77r, 15) dos textos portugueses por «comutaçion» apresentados por *EV* (84r, 13) e *EM* (119r, 15), exatamente como no texto original?

Se os motivos acima apresentados não forem suficientes para demonstrar a independência dos testemunhos espanhóis em relação aos testemunhos portugueses, podemos acrescentar alguns que demonstram a dependência dos testemunhos portugueses em relação aos espanhóis.

Um primeiro indício dessa dependência, mas ainda não conclusivo, está no fato de o copista de *P200* empregar formas do verbo «falar» onde deveria empregar formas de «achar». Formas do verbo «fallar» (mod. «hallar» ‘achar, descobrir’) ocorrem cerca de uma vintena de vezes em *EV* (e também em *EM*), e a quase todas elas correspondem nos testemunhos portugueses de *P200*, corretamente, formas do verbo «achar». No entanto, em algumas ocorrências, onde o manuscrito de *EV* traz tais formas, o texto de *P200* apresenta, incorretamente, formas do verbo «fallar», do que daremos apenas um exemplo.

(37) e [a alma] en partiendo se sin seu grado de la carne, partense della todas las cosas de que ella solia mal usar, e non vee nin *falla* otra cosa si non a si mesma, enpero a poca de pieça fallara aquel afinado juez (*EV*, 82r, 28).

e ñõ vee ñẽ *falla* outra coussa se ñõ a sy meesma e aquello a que se achega, enpero a pouca de presa, *falla* em o que nũca podera perder (*P200*, 128v, 21).

Pode-se argumentar que esse desvio do amanuense de *P200* apenas acusa, por exemplo, ser ele um espanhol, mas copiando um texto português. Não é de crer que se o subarquétipo português  $\pi$  apresentasse nesses contextos formas em «ach-», o copista de *P200* as substituisse por formas em «fall-», ainda que, por suposto, fosse um escriba espanhol copiando um texto em português. Parece-nos que estas últimas formas já se encontravam em  $\pi$ , provavelmente por lapso do tradutor –que poderia sim, ser um espanhol traduzindo para o português–, levado pela homogra-

<sup>46</sup> «Se buscas roupas curiosas para teres vestes elegantes, debaixo de ti se espalharão traças e a tua cobertura serão vermes».

<sup>47</sup> «Pois o que darás em troca pela tua alma?»

fia: «fallar» ‘achar’ / «fallar» ‘falar’. Como explicar, então, a presença em *P211* das formas em «ach-», onde *P200* traz «fall-»? Provavelmente pelo fato de não poucas vezes o copista de *P211* contaminar o seu texto pela consulta a outra(s) fonte(s). Vamos nos ater apenas a alguns exemplos, entre muitos.

Para a expressão latina «facie ad faciem», *P200* e *EV* trazem «cara por cara» e *P211*, «face por face»; para o latim «arcana», *P200* e *EV* trazem respectivamente «puridade» e «poridade», mas *P211*, «segredos»; para «refrigerium», *P200* e *EV* trazem «folgança» e *EM*, «folgura», mas *P211* apresenta «refrigerio»; para «ministri», enquanto *P200* e *EV* trazem «servidores», *P211* traz «ministros e servidores»; «sermonibus» aparece reproduzido em *P200* e em *EV* como «sermões», mas *P211* por «palavras», como em *EE* («palabras»), e nos catalães de Barcelona, Madrid e Paris («paraules»); para «excellentior», *P200* e *EV* apresentam respectivamente, «mais alta» e «mas alta», os catalães de Madrid e Paris, «pus alta», mas *P211*, «mais excelente».

Voltando ao tema da prioridade espanhola da tradução, há ainda um fato que chama a atenção. Ao tratar dos «três inimigos do homem» –o corpo, o mundo e o diabo–, sobre o efeito maléfico dos cinco sentidos, o texto latino assim se expressa, com tradução aproximada de *EV*:

(38) Odoratus cogitationem impedit (*PL*, 33, 503)<sup>48</sup>.

deçimos que huele la nariz, quando viene al coraçõn algund nuevo pensamiento (*EV*, 97v, 1).

dezemos que aolhou o nariz, quando vem ao coraçõ algũũ vãõ pensamẽto (*P200*, 143r, 21).

Em *P200* ocorre uma estranha mescla de sentidos corporais. Note-se que forma do verbo «aolhar» ocorre em *P200* ainda outra vez, no sentido de ‘olhar’: «catan e aolham», onde *ES* e *P211* trazem ambos «catan e miran», e *EV*, simplesmente «miran». Também neste caso cabe perguntar: trazia o modelo português «cheirou o nariz», que o copista de *P200*, inadvertidamente, leu «aolhou o nariz»? Ou seu modelo já trazia «aolhou» ‘olhou’, por conta de um lapso do tradutor português, que se deixou enganar pela sua semelhança com «huele», encontrada no texto que lhe serviu de base para a tradução?

Talvez os exemplos dados acima não sejam conclusivos, mas passíveis de outras explicações. O seguinte parece não deixar margem a dúvidas. A propósito dos males, dos perigos e das tentações a que estamos sujeitos, o autor faz a seguinte advertência, que o copista de *EV* reproduz com fidelidade:

(39) et sicut in hostili regione versantibus, hac illacque circumspiciendum est, et ad omnem strepitum circumagenda est cervix (*PL*, 34, 504)<sup>49</sup>.

a los que moran cercados de sus enemigos, e por ende conviene sienpre de assechar, aca e aculla, e tornar la cerviz a todo sueno (*EV*, 98r, 19).

«Assechar» corresponde aos mod. «acechar» ‘observar, aguardar cautelosamente con algún propósito’ (RAE). «Sueno» é a forma antiga da mod. «sonido» ‘som, ruído’, forma atestada fartamente no antigo espanhol. A tradução espanhola é, pois, bastante fiel ao texto original, traduzindo corretamente «strepitus» ‘ruído’ por «sueno».

Os dois testemunhos portugueses acompanham de perto o espanhol, exceto na tradução do «strepitus» / «sueno» ‘ruído’, que eles reproduzem respectivamente como «sono» e «somno»:

aos que morã çercados dos seus imigos. E porem senpre cõvẽ de pararmẽtes, aca e acolla, e torçer o pescoço a todo sono (*P200*, 144r, 10).

aos que morã acerca de seus enmiigos. E poren sempre conven vigiar e ascuytar, aca e ala, e torcer o pescoço a todo somno (*P211*, 88r, 1).

Como se trata de um erro conjuntivo de *P200* e *P211*, é de esperar que o substantivo «sono» ou sua variante «somno» já estivesse em  $\pi$ . Provavelmente, o tradutor português, ao se deparar com a palavra «sueno» encontrada em seu modelo espanhol, não atentando para o sentido do texto, interpretou-a mal. Ocorre que no espanhol antigo, «sueno» corresponde também ao mod. «sueño» ‘sono’ ou ‘sonho’ e foi nesse sentido tomada pelo tradutor. Provavelmente deixou-se levar pela regra de que ao ditongo espanhol [ue] de «pueblo» e «cuerpo» corresponde em português [o] de «poboo» e «corpo». Dessa forma, simplesmente transformou «sueno» ‘som, ruído’ em «sono» ou «somno». Se a tradução primitiva dessa tradição fosse portuguesa e apresentasse a forma espúria «sono», é difícil conceber que seu tradutor espanhol a transformasse na forma legítima «sueno», correspondente exato do «strepitus» latino. E se pode pairar alguma reserva quanto à interpretação do vocábulo «sono» nos testemunhos portugueses, parece que o latinismo gráfico utilizado pelo copista de *P211* – «somno» (< SOMNUS ‘sono’) – e, mais ainda, o seguinte acréscimo introduzido pelo copista de *P200*, parecem esclarecer o caso: «... e torcer o pescoço a todo sono, nõ dorma, mais guardesse mui bem» (*P200*, 144r, 12).

Acreditamos que os exemplos dados acima são suficientes para demonstrar que a tradução portuguesa não foi realizada diretamente do texto latino, mas sim a partir de um modelo espanhol, o mesmo que deu origem aos testemunhos de *EM*, *ES* e *EV*, ou seja, a tradução portuguesa é dependente da tradução espanhola, como demonstram os erros conjuntivos apresentados por *P200* e *P211* nos mesmos passos em que os testemunhos espanhóis apresentam lições genuínas.

<sup>48</sup> «O olfato impede a reflexão».

<sup>49</sup> «e como aqueles que andam por um país inimigo, é necessário olhar de um lado e outro e volver a cabeça a todo ruído».

Quando teria ocorrido tal tradução? Em um trabalho anterior<sup>50</sup> defendemos que, embora os testemunhos portugueses sejam datados paleograficamente do século xv, a linguagem apresentada por eles reflete uma fase anterior da língua, o que nos permite situar a tradução portuguesa por volta de 1375. Evidentemente, a tradução espanhola não pôde ter sido realizada em data posterior.

## 6. Considerações finais

Com base nos dados já coletados, naturalmente que o passo seguinte deste trabalho seria o de traçar um estema abrangente de toda a tradição hispano-lusitana com as traduções do *Meditationes*. Abstivemo-nos de fazê-lo em virtude da impossibilidade de examinar todos os testemunhos da tradição, especialmente o espanhol de Santander (*ES*). Uma consulta a esse testemunho permitiria solucionar alguns problemas aqui colocados e que ficaram sem resposta. Na nota 15, já havíamos sugerido a possibilidade da existência de dois subarquétipos espanhóis, um do qual teriam derivado *EV* e o suposto português  $\pi$  e outro que teria dado origem a *EM*. Os dados apresentados no final da secção 3 apontam também para a existência de dois subarquétipos espanhóis, um deles dando origem a *EM* e *ES* e outro, origem a *EV* através de um suposto *\*EVA*. A questão do estema parece, portanto, resolvida. E talvez o pudesse estar, se não deparássemos com outro problema a solucionar: a ocorrência de um erro conjuntivo de *EM* e *EV* contra os dois testemunhos portugueses:

(40) Una erit omnium lingua (*PL*, 12, 493)<sup>51</sup>.  
 e luego sera el linaje de todos una (*EV*, 87r, 26)  
 E luego sera el linaje de todos [omissão] (*EM*, 126r, 6)  
 e hũa sera a linguagẽ de todos (*P200*, 133r, 20)  
 hũa sera a linguagen de todos (*P211*, 79r, 26).

Os testemunhos espanhóis de *EM* e *EV* reproduziram «língua» do texto latino por «linaje» / «linage», enquanto os portugueses apresentam a lição genuína, que já deveria constar do suposto  $\pi$ . Haveria então subarquétipos espanhóis diferentes, um que deu origem a *EM* e *EV* e outro que esteve na base da tradução portuguesa? Ou trata-se, em todos esses casos, dos resultados de um processo de contaminação, frequente em *P200* e mais ainda, como já vimos, em *P211*? A impossibilidade, já várias vezes aqui confessada, impediram-nos de apresentar um esquema, ainda que provisório, que demonstrasse a precisa relação genética de todos os elementos da tradição. No entanto, parece-nos ter dado um primeiro passo para que isso venha a acontecer, assim que outros estudos mais aprofundados possam solucionar definitivamente a questão.

A tradição ibero-românica com traduções medievais do *Meditationes* do Pseudo-Bernardo é rica e ainda pouco estudada. A análise de todos os seus testemunhos deverá proporcionar ao investigador uma série de novas informações a propósito dos processos de tradução, retradução e propagação de obras literárias de caráter religioso durante a Idade Média peninsular. Esse material poderá, ainda, fornecer dados importantes, principalmente no campo da história das línguas, da literatura comparada, da lexicologia, da semântica, da gramática histórica etc.

Este trabalho teve como objetivo contribuir para responder a algumas das questões que tal conjunto de textos nos apresentam. Em resumo, procuramos demonstrar que os dois testemunhos portugueses subsistentes não são traduções independentes, mas descendem ambos de um terceiro, também português, hoje perdido ou desconhecido. Apesar de não nos ter sido possível examinar toda a tradição espanhola (o texto de *EH* não foi consultado; o de *ES* consultado parcialmente), o material disponível foi suficiente para o reconhecimento da existência de duas traduções espanholas, distintas e independentes. Uma delas está representada pelo testemunho de *EE* (e, talvez, o de *EH*); a outra, provavelmente mais antiga, deu origem não só aos testemunhos de *EM*, *ES* e *EV*, mas também serviu como modelo para a realização da tradução portuguesa da qual *P200* e *P211* são representantes.

## Bibliografia

### Fontes manuscritas

Biblioteca Histórica de Santa Cruz (Universidad de Valladolid), Valladolid, cód. 383, ff. 78r-102r.  
 Real Biblioteca do Monastério de San Lorenzo de El Escorial, Madrid, cód. a.IV.9, ff. 121r-170r.  
 Biblioteca Nacional de España, Madrid, cód. MSS/8744, ff. 118r-126v.  
 Biblioteca Nacional de España, Madrid, cód. MSS/4515, ff. 85v-101r.  
 Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, cód. alc. 200 [*olim* CCXCI], ff. 125r-148r.  
 Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, cód. alc. 211 [*olim* CCXLIV], ff. 73r-90v.

### Outras fontes

Alfonso de Palência (2005 [1490]): *Universal vocabulario en latín y en romance*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes / Madrid: Biblioteca Nacional. <<https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/universal-vocabulario-en-latín-y-en-romance-tomo-ii--0/html/>> [Consulta: 13/09/2022].

<sup>50</sup> Macedo da Fonseca (2022: 287-289).

<sup>51</sup> «Uma será a linguagem de todos».

- Borsari, Elisa (2010): *Catálogo de traducciones anónimas al castellano de los siglos XIV al XVI, em bibliotecas de España, Italia y Portugal*. Madrid: Biblioteca Nacional.
- Bourgain, Pascale / Stutzmann, Dominique (2019): *FAMA: Œuvres latines médiévales à succès*. Paris: Institut de recherche et d'histoire des textes (IRHT-CNRS) <<http://fama.irht.cnrs.fr/en/oeuvre/267497>> [Consulta: 03/11/2022].
- Bultot, Robert (1964): «Les *Méditations* Pseudo-Bernardines sur la connaissance de la condition humaine. Problèmes d'histoire Littéraire». *Sacris erudiri* 15, pp. 256-292.
- Dietz, Dom Elias (2018): «Introduction», in Ann W. Astell / Joseph Wawrykow (dir.), *Three Pseudo-Bernardine Works. Translated and annotated by the Catena Scholarium at the University of Notre Dame*. Collegeville: Cistercian Publications / Liturgical Press, pp. 1-15. <<https://litpress.org/Products/GetSample/CS273E/9780879075736>> [Consulta: 05/06/2022].
- Field, Sean L. (2006): «Reflecting the Royal Soul: the *Speculum Anime* composed for Blanche of Castile». *Mediaeval Studies* 68, pp. 1-42.
- Field, Sean L. (2007): «From *Speculum Anime* to *Miroir de l'âme*: the origins of vernacular advice literature at the Capetian Court». *Mediaeval Studies* 69, pp. 59-110.
- Fudge, Thomas A. (2016): *Jan Hus Between Time and Eternity*. Lanham: Lexington Books.
- Giraud, Cédric (2019): «Ut fiat aequalitas. Spiritual Training of the Inner Man in the Twelfth-Century Cloisters», in Micol Long et al. (eds.), *Horizont Learning within High Medieval Religious Communities*. Amsterdam: Amsterdam University Press, pp. 65-80. <<https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/24324/1005807>> [Consulta: 05/06/2022].
- Horn, Adam Tyler (2021): *Presumption and Despair: the figure of Bernard in Middle English imaginative literature* [Tese doutoral]. New York: Columbia University <<https://doi.org/10.7916/d8-f5jd-4714>> [Consulta: 09/11/2022].
- Janauschek, Leopoldus (1891): *Bibliographia Bernardina*. Vindobonae: Alfredum Hölder.
- Mabillon, Jean (1690): *Sancti Bernadi Claraevallensis Abbatis Primi, Opera omnia*. Parisii: Thomae Moette. Volume II, Tomo V <<https://books.google.com.br/books>> [Consulta: 20/06/2021].
- Macedo da Fonseca, Raul Antero (2022): «*Livro dos Pensamentos* ou *Meditações* do pseudo-Bernardo: edição semipaleográfica de parte do cód. alc. 200, com notas e referências a outros testemunhos da tradição ibero-românica». *Laborhistórico* 8, n° 2, pp. 282-319. <<https://doi.org/10.24206/lh.v8i2.53039>>. [Consulta: 30/12/2022].
- Migne, Jacques-Paul (1862): *Patrologiae cursus completus. Series latina*. Paris: Ed. do autor. Tomo 184, col. 485-508.
- Nebrija, Antonio de (1980 [1492]): *Gramática de la Lengua Castellana*. Edición preparada por Antonio Quilis: Madrid: Editora Nacional.
- PHILOBIBLON= Charles B. Faulhaber (dir.) (1997-). Berkeley: Bancroft Library / University of California <<http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/index.html>> [Consulta: 14/11/2022].
- RAE= REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*, 23.ª ed. [versión 23.5 en línea] <<https://dle.rae.es>> [Consulta: 13/06/2022].